

QUESTÕES DE GÊNERO: UM ESTUDO QUALITATIVO ACERCA DAS NOÇÕES E  
POSTURAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

CUESTIONES DE GÉNERO: UN ESTUDIO CUALITATIVO SOBRE LAS NOTAS Y  
POSTURAS DE LOS ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

GENDER ISSUES: A QUALITATIVE STUDY ABOUT UNIVERSITY STUDENTS 'NOTES  
AND POSTURES

QUESTIONS DE GENRE: UNE ÉTUDE QUALITATIVE SUR LES NOTES ET POSTURES DES ÉTUDIANTS  
DE L'UNIVERSITÉ

## **RESUMO**

O presente artigo teve como objetivo problematizar a compreensão dos estudantes dos cursos de saúde sobre a produção das identidades de gênero. Para realizar essa investigação entrevistas narrativas foram conduzidas com estudantes 6 estudantes, cursando períodos variados, de uma instituição de ensino superior privada da cidade do Recife. As produções narrativas foram áudio-gravadas, com a permissão dos participantes, e posteriormente transcritas na íntegra para fins de análise. A análise dos dados ocorreu à luz da Análise do Discurso Foucaultiana a partir da qual foram destacados principais pontos relevantes para o estudo: noções acerca de masculino e feminino; concepções acerca da produção das identidades de gênero; e as posturas e posicionamentos dos estudantes frente à temática. Diante dos posicionamentos e posturas apresentados na análise foi possível perceber o quanto o debate da temática ainda é escasso, e quando abordada, de modo superficial. Sendo assim, podemos concluir que a pesquisa foi importante por proporcionar, por meio das entrevistas momentos de reflexões e questionamentos. Por fim, esses achados parecem mostrar a necessidade e a importância de aprofundar estudos e pesquisas que problematizem as concepções dos estudantes universitários sobre a produção das identidades de gênero. Através desse estudo, foi possível perceber que ainda existem poucos debates sobre a temática e a inserção da mesma ainda fica a desejar pelos estudantes que podem trazer formas menos preconceituosas e mais éticas

**Palavras-chave:** *Psicologia, Gênero e Foucault*

## **RESUMEN**

A partir de inquietudes y preguntas sobre las nociones y posturas de los estudiantes universitarios sobre género, este artículo tuvo como objetivo cuestionar la comprensión de los estudiantes de los cursos de salud sobre la producción de identidades de género. Para llevar a cabo esta investigación, se realizaron entrevistas narrativas con estudiantes de 6 estudiantes, que asistieron a varios períodos, de una institución privada de educación superior en la ciudad de Recife. Las producciones narrativas se grabaron en audio, con el permiso de los participantes, y luego se transcribieron en su totalidad para fines de análisis. El análisis de los datos se realizó a la luz del análisis del discurso de Foucault, del cual se destacaron tres puntos principales relevantes para el estudio: nociones sobre hombres y mujeres; concepciones sobre la producción de identidades de género; y las posturas y posiciones de los estudiantes con respecto al tema. Dadas las posiciones y posturas presentadas en el análisis, fue posible darse cuenta de cuánto escasea el debate sobre el tema en el lugar y, cuando se aborda, siempre es superficial. Por lo tanto, podemos concluir que la investigación fue importante para proporcionar, a través de entrevistas, momentos de reflexión y cuestionamiento

**Palabra clave:** psicología, género y foucault.

## **ABSTRACT**

This article aimed to discuss the understanding of students of health courses on the production of gender identities. To carry out this investigation narrative interviews were conducted with students 6 students, attending various periods, from a private higher education institution in the city of Recife. The narrative productions were audio-recorded, with the permission of the participants, and later transcribed in full for analysis purposes. Data analysis took place in the light of Foucaultian Discourse Analysis, from which the main points relevant to the study were highlighted: notions about male and female; conceptions about the production of gender identities; and the students' postures and positions regarding the theme. Given the positions and postures presented in the analysis it was possible to see how scarce the debate of the theme is, and when approached, in a superficial way. Thus, we can conclude that the research was important for providing, through interviews, moments of reflection and questioning. Finally, these findings seem to show the need and importance of deepening studies and research that problematize the conceptions of university students about the production of gender identities. Through this study, it was possible to realize that there are still few debates on the subject and the insertion of it is still to be desired by students who can bring less prejudiced and more ethical forms.

**Key-word:** Psychology, Gender and Foucault

## RÉSUMÉ

Cet article visait à discuter de la compréhension des étudiants des cours de santé sur la production des identités de genre. Pour mener à bien cette enquête, des entretiens narratifs ont été réalisés avec six étudiants d'un établissement d'enseignement supérieur privé de la ville de Recife, suivant différentes périodes. Les productions narratives ont été enregistrées sur audio avec la permission des participants, puis transcrites intégralement à des fins d'analyse. L'analyse des données s'est faite à la lumière de l'analyse du discours foucauldien, à partir de laquelle les principaux points pertinents pour l'étude ont été mis en évidence: notions sur les hommes et les femmes; conceptions sur la production des identités de genre; ainsi que les postures et positions des élèves sur le thème. Compte tenu des positions et des postures présentées dans l'analyse, il a été possible de constater à quel point le débat sur le thème est rare et, lorsqu'il est abordé, de manière superficielle. Nous pouvons donc en conclure que la recherche était importante pour fournir, à travers des entretiens, des moments de réflexion et de questionnement. Enfin, ces résultats semblent montrer la nécessité et l'importance d'approfondir les études et les recherches qui problématisent les conceptions des étudiants universitaires sur la production d'identités de genre. Grâce à cette étude, il a été possible de réaliser qu'il y avait encore peu de débats sur le sujet et que l'insertion de celui-ci est toujours à désirer par les étudiants qui peuvent apporter des formes moins préjudiciables et plus éthiques.

**Mot-clé:** *Psychologie, Genre et Foucault*

## Introdução

Na era moderna, pesquisadores das ciências sociais, sobretudo da psicologia, tornam-se articuladores para a formação e propagação de discursos sobre o conceito de gênero. A produção desse discurso foi influenciada pelas ciências médicas e sexológicas, as quais, por sua vez, enfocavam aspectos descritivos dos comportamentos sociais e, com frequência, apresentavam conclusões de tendências normativas e disciplinar. Fatores históricos e sociais criaram as condições de emergência para a propagação dessa temática no âmbito social.

As lutas libertárias dos anos 60 criaram as condições de possibilidade para o surgimento de estudos em torno da temática de gênero nos anos 90. Diante desse cenário, existiu um leque de questionamentos, como por exemplo: O que é gênero e como ele se articula com o corpo? Há um nível pré-discursivo, compreendido como pré-social, fora das relações de poder-saber? A partir desses questionamentos, pode-se destacar alguns acontecimentos históricos para o surgimento de estudos sobre essa temática. As revoltas estudantis de maio em Paris, as lutas contra as guerras no Vietnã e a luta contra a ditadura militar no Brasil são alguns exemplos. Esses movimentos marcavam a luta por uma vida melhor, mais justa e igualitária. E é através desses movimentos sociais e populares que se identifica um momento oportuno para tal debate.

Paralelamente a essas lutas, os anos 60, constitui um período de grande reflexão sobre a sexualidade. Com a comercialização da pílula anticoncepcional, a indagação em torno da virgindade enquanto valor para o casamento e o sexo como fonte de prazer, ou seja, não apenas destinado a reprodução da espécie humana. Nesse período, eclodem dois movimentos importantes. Por um lado, o movimento feminista. Por outro, o movimento gay. Esses dois movimentos são importantes por questionar sobre as relações afetivo-sexuais no âmbito das relações íntimas do espaço privado.

A inserção da temática de gênero nos currículos dos estudantes da área saúde tem conquistando espaço gradativamente. Nos anos 80, a produção acadêmica sobre o tema cresceu e diversificou-se. Começaram a surgir, nas universidades, os núcleos de estudos e pesquisas sobre a mulher, sendo que as publicações e teses envolvendo tal temática aumentaram consideravelmente nessa época. Como aponta uma pesquisa intitulada a marginalização dos estudos feministas na pós-graduação, onde há maior flexibilidade curricular, sendo que, na

graduação, são oferecidas apenas disciplinas optativas, não havendo cursos regulares sobre relações de gênero.

É importante salientar que há uma mudança na forma de compreensão das sociedades tradicionais e das sociedades contemporâneas em torno da produção das identidades culturais. Segundo Hall (1997), “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Para o autor, essas transformações estão também modificando as nossas identidades pessoais, rompendo com a própria noção que possuímos e construímos de sujeitos unificado. E conseqüentemente modificando a nossa relação com o mundo social, ou seja, nossa interação se modifica. Para Hall (1997), “esse duplo deslocamento - descentração do indivíduo tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos- constitui-se uma crise de identidade.”

A produção das identidades culturais na sociedade tradicional baseava-se, por um lado, na concepção do sujeito do iluminismo, ou seja, baseado na concepção de humano centrado, unificado, dotado da capacidade de razão, de consciência e de ação. Pode-se ver que se tratava de uma concepção muito individualista e naturalizada de humano. Além disto, havia uma compreensão deste indivíduo enquanto sujeito sociológico, no qual residiria um núcleo ou essência interior que seria o seu “eu real”. Não obstante, este é formado e modificado através das relações sociais, com os mundos culturais externas e com as identidades que esses mundos oferecem. Por outro lado, na sociedade contemporânea, emerge o sujeito pós-moderno que se apresenta não como possuidor de uma identidade fixa, essencial ou naturalizada<sup>2</sup>.

Segundo Butler (2015), encontramos-nos imersos em uma matriz heteronormativa que opera sob uma lógica binária de dois sexos (macho/fêmea) e de dois gêneros (homem/mulher); a qual basea-se em uma “matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível, exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’”. Quando não problematizadas, as afirmações de “ser” mulher e “ser” heterossexual seriam sintomáticas dessa metafísica das substâncias do gênero e sexualidade. Tanto no caso de “homens” como no de “mulheres”, tal afirmação tende a subordinar a noção de gênero aquela de identidade, e a levar á conclusão de que a pessoa é um gênero e o é em virtude do seu sexo, de seu sentimento psíquico do eu, e das diferentes expressões desse eu psíquico, a mais notável delas sendo a do

desejo sexual (Butler, 2015).

Logo, a identidade de gênero é considerada por Butler<sup>2</sup> enquanto categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo dentro de uma cultura reconhecida como estabilizada e heteronormativa uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo dentro de uma cultura reconhecida como estabilizada e heteronormativa. Apesar do avanço nos estudos acerca da condição feminina, a referência se limita a uma unidade biológica das mulheres, ou seja, o reconhecimento pela morfologia do se feminino (vagina, útero, seios). É exatamente isso que os estudos de gênero vão problematizar, justamente essa determinação biológica da condição humana. Também é importante destacar que no ocidente, o conceito de gênero está colado ao de sexualidade. E ambos, estão marcados pela escolha do objeto sexual. Com isso, surge a concepção de binarismo. Nessa perspectiva, afirma Butler (2015):

Se os gêneros são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o corpo “mulheres” interprete somente corpos femininos.

É importante destacar a importância do estudo e explanação em torno dessa temática, sobretudo no âmbito da saúde. Segundo Bento<sup>3</sup>, estamos distantes de termos uma concepção de saúde que enxergue os corpos para além de uma visão dimórfica. O termo difórmico é quando há ocorrência de indivíduos do sexo masculino e feminino de uma espécie com características físicas não sexuais notavelmente diferentes, ou seja, a ideia de que a diferença sexual nos funda como sujeitos. Com base nos conteúdos levantados e apresentados em relação à temática, fizemos a pergunta questionamo-nos: “como estudantes universitários entendem a produção das identidades de gênero”.

A partir desse objetivo a pesquisa apoiar-se-á no aporte teórico Foucaultiano, para quem a pesquisa é considerada enquanto acontecimento político. De acordo com Foucault (2009), pesquisar permite problematizar quem se é enquanto sujeito; assim como, também, os nossos próprios processos de subjetivação<sup>4</sup>, para esse teórico a pesquisa é um acontecimento político, portanto ela nos permite problematizar quem se é enquanto sujeito, nos permite pensar sobre os nossos próprios processos de subjetivação<sup>4</sup>. É importante salientar que a construção dos sujeitos em torno das noções de gênero é atravessada por uma experiência de mundo, ou seja, por valores, crenças e acontecimentos e portanto por um construto social.

## Métodos

Estudo de natureza quantitativa, tipo corte transversal. Entrevistas narrativas foram utilizadas como instrumento para a coleta dos dados e conduzidas com um total de 6 estudantes de uma instituição de ensino superior da cidade do Recife, cuja proposta é problematizar a compreensão dos estudantes sobre a produção das identidades de gênero.

As entrevistas foram conduzidas individualmente, na instituição de ensino, em local e horário acertados com os estudantes. Esses foram contatados dentro da própria instituição, sendo convidados a participarem das entrevistas. Após a confirmação dos encontros para as entrevistas, eram tiradas as dúvidas e realizados os devidos esclarecimentos sobre a pesquisa, conjuntamente á entrega do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) aos participantes.

A coleta dos dados se deu através da condução de entrevistas narrativas com gravação autorizadas pelos participantes. Essa gravação foi, posteriormente, transcrita pela pesquisadora, respeitando a fala fidedigna e literal dos participantes. Cada gravação recebeu seu número de série, sendo arquivada de acordo com sua numeração em um computador de uso pessoal da pesquisadora. O sigilo dos estudantes é garantido através do uso de nomes fictícios para a identificação destes no presente artigo.

As narrativas foram analisadas e discutidos sob o aporte teórico Foucaultiano acerca da temática em estudo. De acordo com Foucault, os discursos se espalham pelo tecido social, estão em escolas, conversas, tecnologias, e não se limitam. Possuindo suas regras, estes discursos organizam e ordenam os sentidos. Sendo assim, para o autor, o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, se manifesta e se expressa de múltiplas maneiras. Partindo de Foucault, Fischer (2001), afirma que as práticas sociais são alicerçadas em práticas discursivas da sociedade – discursivas e não discursivas. As práticas discursivas são compostas pelos campos de saber-poder que circulam, em contrapartida as práticas não-discursivas constituem-se de técnicas pautadas nos campos de saber-poder. Essas práticas circulam pela tessitura social produzindo posições-de-sujeito a partir dos quais os sujeitos podem se identificar e construir noções sobre si mesmos.

Desse modo, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos na pesquisa, as entrevistas individuais foram analisadas pautadas na perspectiva Foucaultiana de análise de discursos. Ao longo da análise, buscou-se identificar quais discursos sustentavam a noção apresentada no que concerne a construção das identidades de

gênero dos estudantes dos cursos de saúde; e, posteriormente, como estes se posicionavam frente a tais questões evidenciando a singularidade de suas produções discursivas.

Foucault desenvolveu o método de análise do discurso, no qual averiguou as influências das práticas culturais e institucionais na “produção” dos indivíduos inseridos nestes discursos, afinal, as práticas discursivas são sociais e têm efeitos regulatórios. Portanto, a Análise Crítica do Discurso (ou Análise Foucaultiana) se preocupa com a linguagem e seu papel na construção da sociedade (Nogueira, 2008). Segundo Foucault, ao se analisar os discursos, deve-se levar em consideração suas especificidades, o funcionamento dos discursos não está pré-determinado, cada discurso tem particularidades. O discurso não apenas descreve situações com palavras e significados, mas cria uma realidade possível em que faz manifestar-se as experiências práticas. Segundo Nogueira (2008), a linguagem é responsável por produzir e construir a experiência pessoal, devendo ser contextualizada no tempo em que se fala, ao passo que seu significado pode se transformar ao longo da história.

Ferreira Neto (2015), defende que para o filósofo Foucault, a experiência na pesquisa é um processo que perpassa sujeito (pesquisador) e objeto (problema de pesquisa), transformando-os. Assim, para o autor, a pesquisa torna o objeto passível de mudança, podendo ser instrumento de mudança e acarretar novas realidades.

## Resultados e discussão

Fundamentadas nos objetivos do estudo e a partir da análise de discurso foucaultiana foram produzidos três pontos de discussão das narrativas: 1. As noções de masculino e feminino apresentadas pelos estudantes; 2. As concepções sobre como ocorrem a produção das identidades de gênero; e, 3. Quais são as posturas e posicionamentos dos estudantes frente a essa temática. A seguir apresentar-se-á recortes e trechos de fala das narrativas com a finalidade de problematiza-los e discutí-los à luz de teóricos da perspectiva pós-estruturalista da produção das identidades de gênero.

### III.1. As Noções de masculino e feminino apresentadas pelos estudantes

O presente tópico versa sobre as noções apresentadas pelos estudantes acerca do que venha a ser as noções construídas sobre feminino e masculino. Ao longo das narrativas é perceptível que são colocadas em questionamento, mesmo que lançando suas concepções sobre a temática. Mas, é notório na postura de alguns estudantes que a pergunta sobre tal assunto, causa uma certa inquietação e insegurança para ser respondida.

Como podemos perceber, na narrativa de Diana, 25 anos, estudante do 5º período de enfermagem “Gênero, eu acho que Gênero, é algo seu, a sociedade impõe, né. Mas cada um sabe do seu gênero e eu não vou saber responder bem essa pergunta, mas eu acho que cada pessoa deve..., deixa eu tentar resumir aqui, cada pessoa tem o seu gênero e cada pessoa deve é.. eu não estou sabendo verbalizar o que quero falar, mas enfim, eu não vou saber responder essa pergunta.

Ao lançar sua concepção em torno do que entende por gênero, a participante se dá conta de mais do que responder, a mesma foi colocada no lugar de questionamento sobre a temática. Para Louro (2003), ao discutir e debater o conceito de gênero “Admitindo que as palavras têm história, ou melhor, que elas fazem história, o conceito de gênero que pretendo enfatizar está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo” Ao lado disso Scott (1995) afirma que “utilizando as contribuições teóricas de Foucault, principalmente a genealogia do poder, e do projeto deconstrutivista de Derrida, Scott definiu gênero como (1) um elemento construtivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder”

De acordo com Butler (2015), “quando não problematizadas, as afirmações do “ser” mulher e “ser” heterossexual seriam sintomáticas dessa metafísica das substancias do gênero. Dito de outro modo, é uma instruções e uma redução da nossa forma de ser e de agir no mundo apenas pela lógica identitária. Sendo essa, a crítica da metafísica implica na própria noção de sujeito enquanto reduzido e naturalizado a uma identidade. Ainda sob a ótica de Butler (2015), tanto a noção de “homens” quanto no caso de “mulheres”, a afirmação tende a subordinar a noção de gênero aquela de identidade, e a levar á conclusão de que a pessoa é um gênero e o é em virtude de seu sexo.

De acordo com Butler (2015) e dos autores pós estruturalistas (Louro, 2003 e Bento, 2017) , a noção de gênero é uma construção social. Os modos de produção acadêmica e como a temática é apresentada ao longo desse percurso parecem apontar para as concepções que os mesmos constroem ou desconstrói ao longo de sua formação, podendo ser percebidos ao longo de seus processos de construção de conhecimento e resolução de conflitos diários, através dos diferentes discursos a alusão a percepção da aquisição de responsabilidade e amadurecimento.

Joana, 22 anos, estudante do 8º período de psicologia, ao longo da entrevista remete ao fato de não ter tido problemas enquanto da presença da temática de gênero, afirma que desde o início do curso; sobretudo no 4º houve a inserção da temática no seu curso. A estudante ainda afirma e menciona em relação as noções em relação ao gênero que assim como Butler, acredita que o gênero se define por uma construção social. E isso fica nítido ao explicitar uma mudança na sua fala ao explicitar seus posicionamentos em relação a produção das identidades de gênero, ela exemplifica narrando seus questionamentos e posicionamentos em relação a posturas conhecidas como heteronormativa.

O presente tópico versa sobre as noções apresentadas pelos estudantes acerca do que venha a ser as noções construídas sobre feminino e masculino. Ao longo das narrativas é perceptível que são colocadas em questionamento, mesmo que lançando suas concepções sobre a temática. Mas é notório na postura de alguns estudantes que a pergunta sobre tal assunto, causa uma certa inquietação e insegurança para ser respondida. Como bem aponta Foucault ( 2004, p.175), “o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce”, o poder é a principal relação de forças, o poder é a principal manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma “relação de força”. Essa forma que o filósofo dialoga como o poder é inovadora. O que

realmente importava, então, não era a criação de um novo conceito, mas sim a análise do poder como prática social, que foi construído historicamente, e suas inúmeras formas de exercício na sociedade.

“Admitindo que as palavras têm história, ou melhor, que elas fazem história, o conceito de gênero que pretendo enfatizar está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. “Constituinte desse movimento, ele está implicado lingüística e politicamente em suas lutas e, para melhor compreender o momento e o significado de sua incorporação, é preciso que se recupere um pouco de todo o processo”. (Louro, 2003,p.14)

Concordando com Butler Assim como a narrativa de outra participante, Renata, 23 anos, 5º do curso de fisioterapia: “Eu acho que seria, estou na dúvida ainda, mas vou dizer o que eu acho, não parei para ler, mas acho que seria se você gosta de homem ou de mulher, no caso, acho que é isso”. Com Louro (2003), é possível destacar que “Quando afirmamos que as identidades de gênero e as identidades sexuais se constroem em relação, queremos significar algo distinto e mais complexo do que uma oposição entre dois pólos; pretendemos dizer que as várias formas de sexualidade e de gênero são interdependentes, ou seja, afetam umas às outras”.

É nítido ao explicitar a sua opinião uma certa insegurança para falar ou expor a noção sobre tal temática. Por outro lado, as narrativas dos demais participantes apontam a noção de gênero como sendo aquilo que a pessoa se identifica, como aponta a narrativa de Luana, 22 anos, estudante do 6º período de medicina “É lógico que tem muito da questão feminino/masculino, mas assim independente disso é como você se vê, se identifica, sabe?”.

Assim como a narrativa dos estudantes Diogo, 23 anos, estudante do 6º de nutrição: “Assim eu acho que cada um é livre ou deveria ser livre para se identificar com outro gênero é algo totalmente normal, acho que não existe um padrão ideal”. Desta forma, o participante faz o movimento de diferenciar gênero do sexo biológico. Como podemos perceber com Butler (2015), “ se o gênero são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo dessa ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos”.

Por fim, a narrativa de Ketura, estudante 7º de farmácia; também evidencia sua concepção em torno do gênero ao afirmar : “essa parte de gênero é a questão de como o outro se mostra diante da sociedade, você tipo se encontrar e não apenas você se encontrar consigo mesmo, mas dentro de um meio social”. A partir da teoria de

poder e dos estudos sobre sexualidade Foucault é que são constituídas as atuais definições de gênero, como a de Joan Scott (1990), para quem este é a organização social da relação entre os sexos, presentes em todas as relações sociais, em todas as sociedades e épocas, sendo, portanto, atemporais e universais. É, de acordo com a autora, tanto um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, quanto uma maneira primária de significar relações de poder, cuja construção apresenta três características principais: uma dimensão relacional, a construção social das diferenças percebidas entre os sexos e um campo primordial onde o poder se articula.

### III.2. As concepções sobre como ocorrem a produção das identidades de gênero

O presente tópico aponta para as produções de identidades de gênero dos estudantes trazidas em suas narrativas ao longo da entrevista. Os discursos se encontram e se entrelaçam ao longo da construção das narrativas, podemos perceber isso, ao abordarem a construção desse posicionamento sobre um viés social, histórico e cultural. Desse modo, nos fazemos a experiência de nós mesmo a partir e atravessados pelos diferentes discurso. Assim, essas construções se encontram se fazem presentes e influenciam o nosso discurso. Como por exemplo, quando Joana, 22 anos, graduando o 8º período do curso de psicologia aponta “As nossas concepções erradas foram construídas socialmente, agente inclusive vive numa sociedade que é heteronormativa”.

A heteronormatividade é um termo utilizado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas. Como afirma Colling (2010), “a discussão sobre a heterossexualidade é central para a teoria queer em função de várias razões. A mais importante talvez resida no fato de que ela é apontada como o grande motor da homofobia e da falta de respeito á diversidade sexual”. Como bem afirma Butler (2015), a sociedade exige uma coerência entre sexo-gênero- desejo e prática sexual, e ao fazer isso, a heterossexualidade deixa de ser apenas uma entre tantas formas de viver a sexualidade para se tornar uma imposição, uma coerção sobre os corpos.

Ao lançar mão de sua concepção a entrevistada mostra o quanto somos influenciados por uma lógica heteronormativa, visto que está mergulhada em um sociedade que de forma recorrente lança concepções pautadas nessas concepções. Para reafirmar tal posicionamento, Joana, também lança o olhar para a construção

familiar na maioria das vezes é pautado por esse olhar “agente que eu digo é a maioria das pessoas, por que é uma ou outra família que destoa disso, que sai desse modelo”. Ao destacar isso, ela está se referindo a influencia desse modelo na nossa forma de perceber e se relacionar em sociedade.

Além disso, as narrativas acerca das produções de identidade de gênero de outros participantes, como é o caso de Diana e Luana, apontam para a influência tanto do aspecto cultural quanto do aspecto histórico; Como aponta Diana, 25 anos, estudante do 5º período de enfermagem “No âmbito cultural, é culturalmente só tem dois gêneros, né. Feminino e Masculino, os outros não existem, né?” Mas sabemos que não é assim. Na enfermagem, o gênero feminino predomina, né. Por culturalmente, aquela questão de mulheres que cuidam e que só mulher que sabem cuidar, enfim. Uma visão totalmente preconceituosa, mas que realmente é uma profissão que tem uma quantidade esmagadora de mulheres realmente”. Ao mencionar essa postura, a entrevistada também analisa um pouco do pensamento de que se é criado em torno das mulheres e menciona que atualmente a mulher tem criado mais espaço e se posicionada mais, saindo de uma postura de subalternidade imposta e colocada durante muito tempo.

Segundo Louro (2003), podemos entender que as produções das identidades de gênero não é uma construção estagnada, mas que está em processo de reinvenção:

“ [...] O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.” (GUACIRA LOURO, 2003; 26-27)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Luana, 22 anos, 6º período de medicina aponta para o fato de sempre ter existido tal temática, mas enfatiza que o contexto histórico que vivenciamos tem se oportunizado e aberto uma maior discussão sobre a temática “Eu acho que a produção das identidades de gênero, ela sempre existiu, certo? “Só que atualmente estamos tendo mais conhecimento sobre isso, mas que assim sempre houve sempre existiu; sempre existiram vários gêneros diferentes”. Como aponta Louro (2003), é possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se

transformando”. Com isso, é notório que a temática de gênero não é algo novo, mas como aponta a entrevistada, atualmente tem se debatido mais sobre esse assunto.

### III.3. Quais são as posturas e posicionamentos dos estudantes frente a essa temática

Nesse tópico sobre a concepção sobre a produção das identidades de gênero, é notório o quanto os entrevistados à medida que constroem suas narrativas sobre a temática, eles se colocam no lugar de questionamento e da reflexão. Como podemos notar na fala de Joana, 22 anos, estudante do 8º período do curso de psicologia: “O que a gente tem como feminino, do que seriam coisas pertencentes ao gênero mulher e masculino que seriam coisas pertencentes ao gênero de homem... São coisas que graças a deus, ao longo do tempo estão sendo repensadas pelas pessoas. Essas coisas masculinas fazem de você, de fato um homem ou não...Essas coisas femininas fazem de você uma mulher ou não”.

Como fonte de estudo, temos Judith Butler (2015), em sua obra Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, filósofa pós-estruturalista e considerada, também, pós feminista, faz os questionamentos sobre as noções de gênero e sexualidade, verdades prontas, e, também, sobre o corpo, pois, para a autora, não existe corpo anterior ao choque cultural, predeterminado, apenas como resultado biológico, mas sim produzido pelas mesmas tecnologias discursivas que amparam sexos, gêneros e sexualidades.

Segundo a filósofa, a própria compreensão sobre identidade tem como centro a discussão sobre gênero que, na linha do que aconselhava Foucault, as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero. Como gêneros inteligíveis, define Butler (2015), serão aqueles que mantêm uma relação de coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, restando 39 marginalizados pelas leis a causalidade entre o sexo biológico e o gênero culturalmente construído.

Segundo Butler (2008) o sexo não corresponde ao ambiente politicamente neutro sobre o qual a cultura se insere, mas que é um resultado de discursos que expressam determinados interesses, sejam eles políticos e sociais. Assim, a concepção de sexo como um dado natural/biológico é um efeito da construção cultural de que devemos esperar certos comportamentos dos sujeitos, pois, só assim, seriam adequados as regras sociais.

Na verdade, a medida que a narrativa é construída, mais do que responder uma questão de modo a chegar a uma resposta ideal, o que a própria entrevista através da ótica Foucaultiana é uma abertura a problematização.

E isso fica claro, a medida que a entrevista narra as suas posturas e posicionamentos. Também aponta para as desconstruções de visões de homem limitada, ou seja, a ideia de homem branco e hetero, como evidencia “ Por que eu posso ser uma mulher e ter características tidas como masculinas... Então isso é uma coisa que vem sendo desconstruída, né... Porque isso nos limita demais”. Apontar para o fato de pensar e restringir determinados comportamentos sendo ou não de determinado sexo, é algo que limita e nos impossibilita de romper com a lógica binária.

Através da ótica de Bento (2017), “ os estudos sobre gênero, inicialmente, elaboraram construtos para explicar a subordinação da mulher calçados na tradição na tradição do pensamento moderno que, por sua vez, opera sua interpretação sobre as noções dos gêneros na sociedade a partir de uma perspectiva opocional/binária e de caráter universal” Por um lado, tanto Diana quanto Luana, apontam em suas posturas e narrativas os preconceitos vivenciados tanto pela enfermagem quanto pela medicina.

Como podemos notar no posicionamento de Diana (25 anos, estudante de enfermagem, 5º período): “Eu acho que ainda há preconceitos, na enfermagem, por que não tem muitos homens na profissão, agora tá existindo mais. Mas escutamos muitas vezes as pessoas falar: ah, é enfermeiro então é gay. Não pode ter enfermeiro heterossexual na enfermagem que agente sabe que não é verdade, existem muitos heteros na profissão, mas é uma profissão popularmente conhecida como feminina que eu acho isso péssimo, do mesmo jeito que a medicina evoluiu”. Assim torna-se necessário debater com Bento (2017), visto que “ A categoria analítica do gênero foi buscar nas classes sociais , nas nacionalidades nas religiosidades, nas etnias e nas orientações sexuais os aportes necessários para desnaturalizar e dissencializar a categoria mulher, que se multiplica, fragmenta-se em negras analfabetas, brancas conservadoras, negras racistas, ciganas, camponesas, imigrantes”.

É notório também isso na narrativa de Luana, 22 anos, estudante de medicina, em que os preconceitos e os tabus proporcionam ao longo da formação um certa limitação “tabus que são criados é... o tabu que sempre existiu do machismo, o tabu das fobias em relação a gêneros diferentes, principalmente as pessoas transgêneros. Então, tabus principalmente em relação a isso, tabus também em relação ao machismo tanto em relação a mulher quanto em relação ao próprio homem”.

Por fim, a pesquisadora Guacira Louro (2003) aponta que “serão sempre as condições histórias específicas que nos permitirão compreender melhor, em cada sociedade específica, as relações de poder que

estão implicadas nos processos de submetimento dos sujeitos”. A construção da identidade de gênero é processo histórico, moldada pela época e pelas microrrelações de poder a que está submetida, é um reconhecimento de si que o sujeito carrega, sendo mais fácil modificar sua forma anatômica (sexo) do que sua constituição psicológica (gênero). Em outro sentido, Ketura, 21 anos estudante do 7º do curso de Farmácia lança sua narrativa em relação a postura e o posicionamento sobre a temática da seguinte maneira: “E a faculdade também tem a questão da integração, né.? Na exposição temas relevantes, então também acho que isso vai causando um novo olhar e dá para debater opiniões diferentes”que querendo ou não tem preconceitos, tem discriminação e hoje em dia o Brasil, pelo menos do que eu vejo, tem muitas mortes do público”.

#### IV. Considerações Finais

Com base nos argumentos apresentados, podemos concluir que com a presente foi possível problematizar, como os estudantes do curso de saúde compreende a produção das identidades de gênero. Saber a diferença entre os termos sexo e gênero é muito importante para que se possa fazer uma desconstrução de discursos usados durante séculos. Esses discursos se limitam a categorizar as diferenças em características anatômicas, estereótipos entre masculinidade e feminilidade e, ainda, sobre papéis de gênero, o caráter domiciliar e familiar ligado ao feminino, por exemplo. Ao reconhecer um processo histórico que normaliza nossas condutas e termos a noção de que a categoria gênero é reconhecida, podemos dizer que é fundamental para que possamos entender a necessidade da igualdade entre homens e mulheres, no que diz respeito a diversas esferas da sociedade. Igualdade em quaisquer direitos dentro dessa sociedade, sejam eles políticos, sociais, econômicos, familiares, etc.

O estudo de gênero e sexualidade, explanada um pouco de sua história na obra de Michel Foucault (História da Sexualidade), demonstra claramente a importância do momento histórico, social e político, para que conceitos como estes sejam formados, mesmo que nunca sejam estagnados. E a influência constante das relações de poder para a constituição da subjetividade dos sujeitos dentro da sociedade. Dentro de um convívio social temos diversas culturas, classes, histórias e sexualidades, posicionando-se em diferentes grupos sociais, formando também diversas identidades. Temos concepções que refutam as criadas pelo senso comum, pois se afastam da ideia de masculinidade e feminilidade hegemônica impostas, pelo simples fato de serem consideradas diferentes.

Deste modo, do que se depreende dos estudos de Michel Foucault, especialmente com relação à sexualidade, é que ele ajuda a desmistificar os argumentos arcaicos, mas ainda existentes de que comportamentos de gênero e de sexualidade são atribuições naturais, essenciais de cada ser humano. Não há essências, mas sim histórias, individualidades, corpos e subjetividades construídas a partir de uma inserção histórica, perpassada por relações patriarcais de poder. Com Foucault podemos dizer sim, que sexualidade e gênero não são destinos naturais, mas construções históricas e sociais que diferenciam e discriminam as pessoas. Do mesmo modo, permanece a esperança porque, enquanto construções culturais, podem bem ser desconstruídas em prol da igualdade.

Por fim, esses achados parecem mostrar a necessidade e a importância de aprofundar estudos e pesquisas que problematizem as concepções dos estudantes universitários sobre a produção das identidades de gênero. Através desse estudo, foi possível perceber que ainda existe poucos debates sobre a temática e a inserção da mesma ainda fica a desejar pelos estudantes. Deste modo, do que se depreende dos estudos de Michel Foucault, especialmente com relação à sexualidade, é que ele ajuda a desmistificar os argumentos arcaicos mas ainda existentes de que comportamentos de gênero e de sexualidade são atribuições naturais, essenciais de cada ser humano.

## Referências

- Hall, S. (1997). *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Butler, J.(2015). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. (8ª Ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bento B.(2017). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. (3ª Ed). Salvador: editora devires.
- Morais, C & Paviani, NMS (2009). *Entrevista narrativa: um gênero da pesquisa sociolinguística*. Caixas do sul: Rio de Janeiro.
- Silva ,TCM. Amazonas MCLA. (2016). *A pesquisa como um acontecimento político: Foucault, práticas de governamentalidade e cuidado-de-si em psicologia da saúde*. 2º Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: Razão Política e Acontecimento, João Pessoa, Paraíba, Brasil, 2
- Fischer, RMB. (2001) *Foucault e a análise do discurso em educação*. Cardernos de pesquisa;2001.
- Butler J (2014). *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In G.L. Louro (Ed). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 151-172). Belo horizonte; autêntica,2000.
- Butler J. (2015) *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. Cardernos Pagu; 11,11-42.
- Butler, J (2014). *Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault*. In: BENHABIB, S; CORNELL, D. (Orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Colling, Leandro. (2010). *A heteronormatividade e a abjeção- os corpos de personagens não heterossexuais nas novelas da rede globo (1998 a 2008)*. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24611.pdf> acessado em abril de 2019.
- Despentes V (2016). *Teoria King Kong*. São Paulo: N-1 ed.
- Galim, R (2015). *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*. F.B.Martins, trad., M.Pilar Grossi..
- Foucault, M(1996). *Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M(1998). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (12ª Ed). Rio de janeiro: Graal.
- Louro, GL(2003). Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In, J.,F. Neckel, & S,V Goelner (Eds). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Porto alegre: vozes.
- Louro, GL (2001). *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*. Estudo feministas.

- Louro, GL(2003).. *Gênero, Sexualidade e Educação : uma perspectiva pós estruturalista (6ª Ed)*. Rio de Janeiro: Vozes
- Minayo, MCS & Deslandes,SF (1993). *Pesquisa social: teoria. Método e criatividade (30ª Ed)*. Petrópolis: vozes;1993.
- Neto, JLF (2015). *Pesquisa e metodologia em Michel Foucault. Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 411-420, set;.
- Paco,V (2019). *Etica Bicha: Proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. São Paulo: N-1 edições
- Preciado, B (2014). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas da identidade sexual*. São Paulo: N-1 edições.
- Preciado, B (2018). *Textojunkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* . São Paulo: N-1 edições
- Jefferys, S (2014). *Gender Hurts:A feminist analysis of the politics of transgendersim*. NY: Routledge.